

A consolidação do controle ideológico e a crise da razão

Luciano Sousa Ramos¹

Resumo: Na intenção de um estudo detalhado sobre a crítica realizada pelos pensadores da Escola de Frankfurt sobre o fenômeno da cultura atual, denominada por eles de indústria cultural ou cultura de massas, encontramos alguns temas os quais estão profundamente relacionados à crise cultural da modernidade e que são indispensáveis ao seu entendimento. Tais temas são: a crise da razão na modernidade e o fortalecimento da ideologia da sociedade tecnológica que, segundo Adorno, possui grandes diferenças em relação ao conceito de ideologia marxista, a principal delas, a questão da identidade entre ideologia e realidade. O que interessa no fato é a percepção desta catástrofe da razão não somente pelos teóricos críticos, mas até anteriormente a eles e de modo muito profícuo por um dos grandes escritores que deram vida artística a este tema, Fiódor Dostoievski.

Palavras-chave: Escola de Frankfurt – Ideologia – Crise da razão – Dostoievski – Homem-idéia.

Os reflexos da crise da razão na consolidação da ideologia

A problemática da sociedade contemporânea, tal como é apontada por Adorno e Horkheimer, não se resume a uma crise do indivíduo, apesar deste fator estar presente em todas as suas esferas. Essa sociedade é também vítima e causadora de um tipo de pensamento que se isenta de qualquer transformação da realidade. Esse pensamento, denominado

¹ Mestre em Filosofia Moderna e Contemporânea (Unesp).
E-mail: lucianosousaramos@yahoo.com.br.

por Horkheimer de *razão formalizada* ou *subjetiva* em sua obra *Eclipse da Razão*, como veremos, será o principal responsável pela formação da ideologia em consonância com a realidade e pelo fortalecimento da crença presa ao existente. A abordagem da Teoria Crítica mostra que a relação da ideologia com os fatos reais, no período da sociedade industrial, não é uma relação contraditória, mas de conformidade. É, portanto, esse conformismo com a realidade atual que ressaltaremos a partir de agora na análise da crise da razão, tal como foi concebida no pensamento de Horkheimer.

O verdadeiro papel da Razão é refletir o real e, além disso, pensá-lo como sendo a esfera que tem em seu âmago a possibilidade de mudança, o devir (é extremamente nítida a presença do pensamento hegeliano nesse ponto da Teoria Crítica). A consideração atenta sobre a realidade é o que caracteriza o aspecto objetivo da razão e quando esta se exime de pensar a objetividade do real, cria-se um estado de relativismo completo, gerando, assim, não só a crise da razão como também o agravamento da sociedade.

A crise atual da razão consiste basicamente no fato de que até certo ponto o pensamento ou se tornou incapaz de conceber tal objetividade ou começou a negá-la como uma ilusão. (Horkheimer, 1976, p. 15)

Para compreendermos em que consistiria essa conotação trágica de tal fenômeno e como a razão chegou neste estado de crise, vamos observar as conseqüências do trajeto da razão objetiva para a razão subjetiva tal como foi ilustrado por Horkheimer.

Em muitos sistemas filosóficos, em especial, no idealismo de Platão e de Hegel, havia o fator da razão como elemento presente não apenas na mente do indivíduo, mas também nas relações sociais e na própria constituição do mundo. A consciência racional era apenas uma extensão do aspecto racional da universalidade.

Se contrapondo a isso prevalece, no pensamento contemporâneo em geral, a idéia da razão como uma faculdade exclusiva da mente, idéia que tem suas origens na subjetivação do pensamento promovida

pelo empirismo inglês, e que adquire na era da apologia do interesse pessoal a sua forma acabada. Essa nova forma de racionalidade exclui a existência de quaisquer fins racionais no mundo fora do sujeito e, conseqüentemente, nas próprias relações sociais.

Não existe um propósito racional como tal, e discutir a superioridade de um objetivo sobre outro em termos de razão torna-se algo sem sentido. (Horkheimer, 1976, p. 14)

Entender, no entanto, o percurso da razão objetiva à razão formalizada é observar o trajeto histórico, desde os tempos primórdios da Grécia, sobre a luta da atividade racional com o intuito de desmistificar as explicações sobre as origens e a teleologia do universo. Esse embate que surge com o nascimento da filosofia e com sua intenção de substituir as explicações das cosmogonias mitológicas gregas, e que, posteriormente, prossegue com as campanhas racionalistas do período da *Ilustração* contra as doutrinas cristãs da Idade Média, revela o projeto filosófico de abolir as explicações míticas e religiosas do âmbito de uma verdade objetiva.

O catolicismo e a filosofia racionalista européia estavam em total acordo sobre a existência de uma realidade em relação à qual pudesse ser alcançada tal compreensão: na verdade, a suposição desta realidade era o terreno comum em que tinham lugar os seus conflitos. (Horkheimer, 1976, p. 25)

O que a filosofia racionalista pretendeu atacar era o caráter especulativo dessas explicações substituindo a compreensão da realidade imposta pelos dogmas religiosos, por conceitos gerais resultantes da reflexão filosófica. No entanto, essa investida da filosofia acabou se voltando contra o próprio racionalismo, pois, a generalidade dos conceitos e as suas teses metafísicas estavam, de igual maneira, fundamentadas na especulação do pensamento. A crítica introduzida pela filosofia da razão solapou sua própria base e abriu espaço para a emergência da filosofia

empirista que, principalmente com Hume, propôs a negação de qualquer idéia universal.

Os filósofos do Iluminismo atacaram a religião em nome da razão; e afinal o que eles mataram não foi a Igreja mas a metafísica e o próprio conceito de razão objetiva, a fonte de poder de todos os seus esforços. (...) Especulação é sinônimo de metafísica, e metafísica é sinônimo de mitologia e superstição. A razão se liquidou a si mesmo como agente de compreensão ética, moral e religiosa. (Horkheimer, 1976, p. 25-26)

Uma vez que qualquer tentativa de supor uma qualidade racional inerente à natureza das coisas e das relações humanas possuía um conteúdo metafísico, logo, a razão foi destituída de suas raízes no mundo e passou a ser considerada unicamente como uma aptidão da mente humana.

Transpor o elemento racional, que outrora fazia parte do mundo objetivo, para a exclusividade da mente é apenas o início do problema. Pois a questão não é defender, por exemplo, a verdade dos sistemas teóricos objetivos como o idealismo platônico ou o cristianismo. Não podemos esquecer que a República idealizada por Platão tinha como base o escravismo; e o pensamento religioso da Idade Média que também cria em uma razão objetiva uma finalidade objetiva do mundo que foi, no entanto, agente de uma das maiores atrocidades da história, a Inquisição. A questão principal é que essa subjetivação da racionalidade pode desaguar em um relativismo radical, já que não há princípios confiáveis, e mais do que isso, dependendo do estágio de organização e consciência da sociedade este processo pode levar à barbárie e, conseqüentemente, à justificação deste estado de barbárie.

Abrindo espaço para um parêntese, que certamente deixará mais nítida a idéia, ressaltamos que o que Horkheimer tenta alertar no nível da sociedade é o que Dostoiévski retratou em obras literárias como *Crime e castigo*, *Os demônios* e *Os irmãos Karamazov*. Uma das grandes façanhas do escritor russo foi a de perceber a emergência, na moderni-

dade, do *homem-ideia*, do homem como único detentor da razão, indivíduos que vivem, matam e morrem por propósitos não compartilhados com uma razão universal. O núcleo destas obras geralmente é composto por este tipo fascinante de personagens, com caracteres em geral ateístas e que vivem de acordo com suas próprias regras, indiferentes ao sofrimento que suas ações podem provocar. Assim é o jovem estudante Raskolnikov² que angustiado em seu pequeno quarto de aluguel – na verdade uma alcova escura e fria –, absorvia-se em um único pensamento: o de como que um ser dotado de uma inteligência tão superior, como a dele, estava reduzido à miséria, enquanto na mesma cidade de São Petersburgo, a poucas quadras de seu pensionato, uma velha agiota podia viver gratuitamente da exploração de desgraçados como ele. Absorto por essa idéia, de por que não eliminar um ser tão repugnante como a velha Aliona Ivanovna e livrar-se de seu estado opróbrio com o dinheiro da usúria, Raskolnikov desenvolveu a sua teoria do homem extraordinário, na qual todo aquele que se sente além das tradicionais convenções de bem e mal tem o legítimo direito de ultrapassar limites e, inclusive, eliminar “estorvos” que se ponham em seus objetivos.

Em outra obra, *Os demônios*, Dostoiévski volta a tematizar essa idéia de um sujeito que põe sua própria razão como único critério de verdade. Desta vez, tal caráter vem incorporado no aristocrata Nicolai Stavroguin, que líder de um grupo subversivo com intenção de fraudar as autoridades de sua cidadela, acredita que todas as ações são válidas quando há o intuito de levar a cabo seu objetivo, inclusive o brutal assassinato de um jovem conjurado arrependido.

Mas de todas as suas obras é particularmente em *Os irmãos Karamazov* que podemos notar a mais estrita semelhança entre o fenômeno da subjetivação da razão na modernidade sob o viés individual e a constatação deste mesmo fenômeno, porém agora, sob o aspecto geral da sociedade, por parte do filósofo Max Horkheimer.

(...) é permitido a todo indivíduo que tenha consciência da verdade regularizar sua vida como bem entender, de acordo

2 Personagem central de *Crime e castigo*, obra de 1867.

com os novos princípios. Neste sentido, tudo é permitido (...). Como Deus e a imortalidade não existem, o homem novo tem amplo direito a se transformar em um homem-deus, seja ele o único no mundo a viver assim. (Dostoiévski, 1955, p. 1119)

Essa fala proferida pelo personagem Ivã Karamazov³ – que representa nesta obra o que outrora foi o elemento psicológico das personagens de Raskolnikov e Nicolai – é resumida em sua própria idéia de que “se Deus não existe tudo é permitido”, ou seja, não há nenhum propósito objetivo que norteie as ações humanas. É exatamente a democratização do uso dessa idéia da falta de propósitos racionais no mundo que diferencia Ivã dos outros dois, pois, o pensamento deste último não dá exclusividade de ação para alguns homens extraordinários, mas, a todos os sujeitos. Tanto Raskolnikov quanto Nicolai negavam a existência de princípios reguladores da natureza fora do sujeito, mas Ivã vai mais longe ao elevar-se a um status que dá a qualquer um o direito de agir como um homem-deus.

A inexistência de um Deus regulador para Ivã equivale à ausência de uma razão objetiva para o homem contemporâneo dentro do postulado da teoria crítica. O pressuposto de que “se Deus não existe tudo é permitido” – tema central de *Os irmãos Karamazov* – leva-nos diretamente ao tema da subjetivação da razão tratado por Horkheimer, pois, se “Não existe um propósito racional como tal, (...) a superioridade de um objetivo sobre outro em termos de razão torna-se algo sem sentido”.

Dostoiévski, assim como Horkheimer, também percebeu a emergência dessa predominância subjetiva da razão na era moderna, e os efeitos deste fenômeno são visualizados pelos dois com um grande potencial trágico para a sociedade. Enquanto na história dos Karamazov tal idéia penetrou na mente de Smerdiakov⁴ e o levou a cometer um parricídio, já segundo Horkheimer essa doutrina pode levar à irracionalidade.

3 Ivã Fiódorovitch Karamazov, o segundo filho de Fiódor Pávlovitch Karamazov – um velho alcoólatra e libertino incorrigível. Fiódor tinha ainda dois filhos, Dimitri e Alieksiéi, além de Smerdiakov, um filho bastardo.

Esse conceito de razão era sem dúvida mais humano, (...) mais adaptável à realidade como ela era, e por isso mesmo arriscado desde o princípio a render-se ao “irracional”. (Horkheimer, 1976, p. 21)

Além desse fato, ou seja, o de que as teorias que defendiam a existência de uma razão objetiva no mundo perderam o seu lugar para a doutrina da razão subjetiva, há também um ponto determinante neste processo que temos de ressaltar e que irá ligar este acontecimento à corroboração da ideologia da sociedade moderna. O ponto que queremos esclarecer se refere às características que estão presentes neste conceito de razão subjetiva e que, como veremos a frente, irão contribuir para a formação de um dos maiores alvos da crítica teórica realizada pela Escola de Frankfurt: a razão instrumental. No momento em que se reservou para a razão apenas o âmbito da mente humana e, além disso, retirou-se a ligação objetiva com a realidade, restou-lhe somente como aspectos de sua constituição a sua capacidade lógica de organização de dados.

É por meio da observação do surgimento da razão subjetiva, na modernidade, e do modo como esta se constitui, que podemos seguir, a partir de agora com o entendimento de sua relação com a realidade da sociedade industrial.

Essa explicitação que fizemos até agora sobre a transformação da razão objetiva em razão subjetiva é a base para passarmos, neste momento, ao entendimento de como esse novo conceito de razão é usado para justificar os ditames da realidade ideológica existente. De antemão destacamos que a ideologia não milita contra a razão, pelo contrário, ela apóia-se no elemento racional como afirmação do existente, mas, a razão que está a serviço da ideologia é esta razão formalizada que se originou da aniquilação do caráter objetivo de

4 Filho bastardo de Fiódor Karamazov confessa ao irmão Ivã que assassinara o pai, motivado por um de seus artigos que defendia a idéia de que “tudo era lícito no caso da inexistência de Deus”. Smerdiakov não se via um cruel homicida nem um degenerado moral, ao contrário, sentia-se um daqueles homens-deuses a quem tudo era permitido. Diante de tal confissão Ivã Karamazov enlouquece em meio a alucinações provocadas por um estado doentio de culpas pela consequência de seu artigo ateu.

racionalidade, processo que foi efetivado pelos próprios interesses da ideologia.

A transformação ocorrida no conceito de razão preserva, no entanto, algumas de suas características, a saber, de caráter lógico como a *coordenação, organização, classificação* e o *cálculo*, o que resguarda, assim, apenas o seu aspecto “funcional”, com a intenção de que a razão possa ser usada como um instrumento para legitimar o funcionamento da sociedade industrial. A preservação dessas características representa, na verdade, a formalização da razão, ou seja, a consideração exclusiva dos aspectos formais do raciocínio lógico.

(...) a razão é uma faculdade subjetiva da mente. Segundo esta última, apenas o sujeito pode ter verdadeiramente razão: se dizemos que uma instituição ou qualquer outra realidade é racional, geralmente queremos dizer que os homens a organizaram de modo racional, que eles aplicaram a esta instituição ou realidade, de modo mais ou menos técnico, a sua capacidade lógica e de cálculo. Em última instância, a razão subjetiva se revela como a capacidade de calcular probabilidades e desse modo coordenar os meios corretos com um fim determinado. (Horkheimer, 1976, p. 13)

É desse modo que a realidade deixa de possuir um fim racional em si, e a razão isentando-se da realidade social (perdendo seu caráter de razão objetiva) e se prestando somente a atividade organizacional passa a constituir-se apenas como um meio, o que dá origem à idéia de *razão instrumental*.

Por meio desse conceito de razão instrumental é que poderemos compreender, conforme indicamos anteriormente, o fato da ideologia da sociedade industrial não ser contra a razão, mas sim erguer a sua bandeira.

Assim a razão aproveitada no processo social é esta razão que possui o caráter de instrumento, ou seja, aquela que é entendida por Horkheimer como um meio para se atingir objetivos que não são racionais em si.

Os fins da sociedade capitalista não possuem uma racionalidade intrínseca, justamente por não estarem ligados à transformação do indivíduo e da sociedade – características inerentes ao verdadeiro conceito de Razão –, pelo contrário, acentuam a estagnação do processo de transformação e privilegiam a reprodução estereotipada da cultura – mais detalhes sobre isso veremos mais à frente quando tratarmos da estereotipia na indústria cultural.

A mecanização da razão realizou a sua adaptação ao processo de produção industrial, que é o centro convergente da ideologia capitalista, e retirou a sua autonomia impossibilitando-a de qualquer questionamento frente a esta ideologia.

A razão tornou-se algo inteiramente aproveitado no processo social. Seu valor operacional, seu papel no domínio dos homens e da natureza, tornou-se o único critério para avaliá-la. (...) É como se o próprio pensamento tivesse se reduzido ao nível do processo industrial... (...) Quanto mais as idéias se tornam automáticas, instrumentalizadas, menos alguém vê nelas pensamentos com um significado próprio. São consideradas como coisas, máquinas. (Horkheimer, 1976, p. 29)

Essa mecanização da razão pode ser vista hoje por meio do ideal científico positivista, essencial ao progresso da indústria. A adaptação da razão ao sistema se dá em todos os seus sentidos. Um exemplo disso ocorre por meio da principal fonte de expressão do pensamento, ou seja, a linguagem. A linguagem que é entendida como racional dentro da organização da sociedade industrial contemporânea é a linguagem técnica, simbólica das operações matemáticas.

O uso dessas operações lógicas mecanizadas se faz necessário com relação aos progressos da indústria, pois, o desenvolvimento da tecnologia e a produção de mercadorias em larga escala é resultado dessa automatização de processos e da reprodução de esquemas pré-estabelecidos que não precisam ser expostos ao diligente exercício mental. É isso o que caracteriza o processo industrial capitalista, ou seja, a repeti-

ção de operações isentas do freqüente trabalho do pensamento reflexivo. O grande problema se dá quando essa característica passa a ser estendida a todo o conjunto da vida das pessoas e se torna a forma do pensamento racional por excelência. E é exatamente isso o que assinala o fenômeno da razão, na era contemporânea, em sua confirmação da ideologia, ou seja, a razão instrumental, por meio de sua eficácia na atividade industrial – centro do sistema capitalista – que se torna a marca do pensamento na realidade ideológica.

Enfim, como a razão foi desterrada da função de julgar a realidade, o que ocorre agora é o movimento inverso, a saber, o da realidade existente moldando a razão. Sendo atualmente outros os critérios que regulam a relação entre os homens, e entre o homem e a natureza, a razão torna-se subordinada ao existente, restando-lhe como único recurso a adequação e conformação a esse existente, resultando, assim, em um fortalecimento da ideologia tal como vimos concebida pelos frankfurtianos.

Esse processo de subjetivação da razão que limitou a ação do pensamento apenas ao âmbito do sujeito e exclui a possibilidade de universalizar uma *razão humanista* no trato da organização ética, política e social da civilização contemporânea, abriu o espaço para que a emergência de um aparente relativismo:

A plausibilidade dos ideais, os critérios que norteiam nossas ações e crenças, os princípios orientadores da ética e da política, todas as nossas decisões supremas, tudo isso deve depender de fatores outros que não a razão. Presume-se que essas decisões sejam assunto de escolha e predileção, tornando-se sem sentido falar de verdade quando se fazem decisões práticas, morais ou estéticas. (Horkheimer, 1976, p. 16)

Adiantamo-nos, no entanto, em dizer que esse relativismo é aparente, pois, como veremos a seguir, a lógica da produção industrial irá substituir a função paradigmática da razão objetiva estabelecendo uma relação ditatória do fundamento econômico aos valores da sociedade, já

que a ideologia que pretende imperar como único elemento norteador da sociedade atual é a ideologia capitalista do progresso baseado nos interesses econômicos.

A cultura de “massa” não é produto inevitável da sociedade “industrial”, mas fruto de uma forma particular de industrialismo que organiza a produção visando ao lucro, e não ao uso; que se preocupa com o que vender, e não com o que é valioso. (Eagleton, 2001, p. 46)

Com a real estruturação do capitalismo na metade do séc. XIX, o mundo em todas as formas se viu orientado e dirigido pela lógica do capital. Esta, como diria Marx, é organizada pela crescente produção de mercadorias que sejam úteis às trocas comerciais e a obtenção de mais capital. Todas as faces da cultura ocidental viram-se, então, orientadas por essa lógica de produzir cada vez mais objetos e que estes tenham interesses comerciais. O homem passou a olhar para a Natureza não mais como meio ambiente, como parte de si, mas, como uma enorme fonte de matérias-primas a ser trabalhada, explorada e comercializada. Por conseguinte, essa idéia passou a ser expressa no pensamento científico que passou a considerar o homem (sujeito) e a natureza (objeto) distintamente separados. A ciência passou a se construir por meio da relação imediatista com a natureza, elevando ao altar do conhecimento somente os dados, os fatos e os cálculos empíricos.

(...) o formalismo matemático, cujo instrumento é o número, a figura mais abstrata do imediato, mantém o pensamento firmemente preso à mera imediatidade. O factual tem a última palavra, o conhecimento restringe-se à sua repetição, o conhecimento transforma-se na mera tautologia. Quanto mais a maquinaria do pensamento subjuga o que existe, tanto mais cegamente ela se contenta com essa reprodução. (Adorno & Horkheimer, 1985, p. 38-39)

A ideologia da era do capitalismo monopolista apregoa a afirmação da superioridade da realidade existente, estática e imediata. E a razão presente neste momento, a qual se manifesta pela ciência positivista, confirma mais uma vez esta ideologia ao considerar apenas o imediatismo dos dados empíricos e a sua superioridade em relação a outros tipos de pensamento, levando estes à categoria de especulações metafísicas, míticas e sem compromisso com a razão científica. É por meio desse “pensamento firmemente preso à mera imediatidade” que a formalização da razão se torna uma aliada da ideologia e não pode, portanto, exercer o seu papel crítico da sociedade.

Quando comentamos, anteriormente, que tal conceito de razão inviabiliza a concepção de ideais humanistas, é justamente porque conceitos como justiça, igualdade, felicidade, tolerância etc., não podem ser medidos e calculados por meio de equações, deixando, por conseguinte, de possuir uma legitimação racional.

Quanto mais emasculado se torna o conceito de razão, mais facilmente se presta à manipulação ideológica e à propagação das mais clamorosas mentiras. O avanço do iluminismo dissolve a idéia de razão objetiva, dogmatismo e superstição; mas com frequência a reação e o obscurantismo tiraram muito proveito dessa evolução. Interesses adquiridos que se opõem aos tradicionais valores humanitários apelarão para a razão neutralizada... . A razão subjetiva se conforma a qualquer coisa. (...) Fundamenta (...) tanto a ideologia do lucro e da reação quanto a ideologia do progresso e da revolução. (Horkheimer, 1976, p. 32-33)

A citação acima revela como a neutralização da razão frente a uma verdade objetiva abriu espaço para a emergência dos interesses econômicos como elementos norteadores das ações humanas e da organização social. As decisões que influirão em toda a humanidade situam-se nos interesses dos grandes grupos econômicos. A questão do regime democrático na organização de muitas nações capitalistas e da manutenção da paz, por exemplo, só são mantidas porque essa aparente liber-

dade impulsiona a satisfação dos interesses pessoais por meio do consumo de mercadorias, e, além disso, a ausência do medo frequente nos tempos de guerras dá maior segurança às atividades comerciais.

Mas se a situação muda, se poderosos grupos econômicos acham útil estabelecer uma ditadura e abolir a regra da maioria, nenhuma objeção fundada na razão pode se opor à sua ação. (...) A única consideração que poderia detê-los seria a possibilidade de que os seus próprios interesses estivessem em risco, sem ter nada a ver com a violação da verdade ou da razão. (Horkheimer, 1976, p. 36-37)

Destarte a crise da razão que se inicia com a perda da objetividade no trato dos fins das relações humanas se consumou inteiramente com a eleição dos interesses econômicos ao cargo desses fins, fortalecendo definitivamente o êxito da ideologia na sociedade moderna.

The consolidation of the ideological control and the crisis of the reason.

Abstract: In the intention of a study detailed on the critical one carried through for the thinkers of the School of Frankfurt to the phenomenon of the current culture, called for them of cultural industry or culture of masses, we find some subjects, which deeply are related to the cultural crisis of modernity and that they are indispensable to its agreement. Such subjects are: the crisis of the reason in the modernity and the strengthening of the ideology of the technological society that, as Adorno, possess great differences in relation to the concept of marxist ideology, main of them the question of the identity between ideology and reality. The interesting one of the fact is the perception of this catastrophe of the reason not only for the critical theoreticians, but until previously they and in way very profitable for one of the great authors who had given artistic life to this subject, Fiódor Dostoievski.

Key-words: Frankfurt School – Ideology – Crisis of the reason – Dostoevski – Man-idea.

Bibliografia

- ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Trad. Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- DOSTOIÉVSKI, F. *Os Irmãos Karamazov*. Trad. Rachel de Queiroz. Rio de Janeiro: José Olympio, 1955.
- EAGLETON, T. *Teoria da literatura: uma introdução*. Trad. Waltensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- HORKHEIMER, M. *Eclipse da razão*. Trad. Sebastião Uchoa Leite. Rio de Janeiro: Labor, 1976.
- MARCUSE, H. *Ideologia da sociedade industrial*. Trad. Giasone Rebuá. Rio de Janeiro: Zahar, 1969.
- ROUANET, S. P. *Teoria crítica e psicanálise*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.